

# ILLUSTRAÇÃO

José Joubert Charvaz  
EDITOR

EDIÇÃO SEMANAL  
Empreza do Jornal O SÉCULO

# PORTUGUEZA

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida  
com o endereço ILLUSTRACAO PORTUGUEZA—LISBOA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 43—LISBOA

PRIMEIRO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 26 DE SETEMBRO DE 1904

NUMERO 47



## NOIVOS REAES

O PRINCEPE HEREDIRO DO TRONO DA ALLEMANHA E A SUA NOIVA, A DUQUEZA CECILIA DE MECKLENBOURG

O príncipe Frederico Guilherme Victor Augusto Ernesto nasceu em Harnscheidt Palatin, perto de Potsdam, em 6 de maio de 1893 e é o herdeiro do throno da Allemanha. A sua noiva, duquesa de Mecklenburg Schwerin, tem 17 annos e é filha de Frederico IV, actual grão-duque pol-

zaco d'esse ducado. A sua irmã mais velha casou com o príncipe real da Dinamarca. O seu casamento vai ligar a Allemanha com a Dinamarca e com a Suedia, sendo a noiva de casamento recebida com grande alegria no Allemão.

# CHRONICA

## Debaixo d'agua

Comecou a chover e abriram os theatros, debaixo o mau tempo e grande quantidade d'actores novos preparam-se para fazer o mesmo. Quando se fala d'actores novos em todos os labios apparecem sorrisos de desdem, como quando se fala do mau tempo se torcem todos os narizes. E que o actor debutante cresca em torno de si uma phrase, como a chuva cresca uma serie d'ellas.

Conta-se que certo individuo, muito em contacto com empresarios por causa da sua profissão, se chegou um dia a pedir um logar no theatro para um seu filho.

— Ah! Elle tem gosto, não?! perguntára o empresario?!

— Não! E' que ja estereva n'um escriptorio e não fez nada, metteu a aprender um officio e ainda peor! Não sei o que hei de fazer d'elle! Se você o empregasse cá no theatro.

— Em qué?! tornea o empresario.

— Em actor, ora essa!

E d'ahi por diante quando apparece algum debutante tem-se sempre a impressão que é typo sem modo de vida que se accommoda all como podia accommodar-se n'outra parte! .



A «GARDEN PARTY» EM MOSSORÓ: NO JARDIM

mais que fazer. Esteveahi Saint Saens, o maestro

aventurara assim por essa Europa fóra. Havia a opinião quasi unanime que ella sahia ao pae e um dos presentes bradou: — Qual historia...

seu romance d'amor, da sua fuga com o tenente no automovel que um jornal francez pagou, das coleras do marido, do escandalo que ha em volta d'essa senhora d'uma familia real e alguém exclamava:

— A princeza, coitada, é uma degenerada. O pae é um bohemio, um verdadeiro bohemio. Por isso não se estranha...

E discutia-se tudo isto com grande paixão, uns a culparam, outros habdidos a chafes de perdões e sonharem talvez uma



A CASA DOS GUARDAS EM MOSSORÓ

As que parece, porém, os theatros abriram bem. Não se fala senão d'enchentes n'essa semana. E' Rua das Condes a transbordar por causa dos Tardios, o Príncipe Real a cunha com a revista, a Avenida a fazer repórtaes e a transbordar e, além d'estas enchentes, ha ainda as da agua que cahi a potes e nos enche de tedio e de constipações.

A crítila, como tinhamos previsto, veio benévola dos campos onde as curvas comecam a crescer e a'onde os libeodas fogem para as praias e voem buscar um abrigo... debaixo d'agua.

Ha muita gente que recolle a cidade e que encolle os hombros ao falar-se das praias, como aquelle rapaz da *honte gamme* a quem um amigo dizia:

— Então já na cidade?! Não foste aos banhos?!

Kelle, que voltava esfaldado physica, moral e monetariamente das estações campestres, respondia:

— Não vou! Ora essa! Que homem julgas que eu sou! Ando a tomar banhos de chuva!

E todas as tardes se pespegava á porta da Havana a apanhar grandes molhas, para não fliziar do ser... *chic*.

Anima-se, pois, a cidade e anoteco mais cedo, já nos *restaurants* ha mais azafama e os jornaes tem

an qual os repórtaes só oviram dizer: *merci!* Falava-se da passagem por Lisboa da princeza de Saxe e isso deu logar a grandes agitações, a enermes curiosidades.

No Gremio discutia-se a princeza, falava-se do



OS ADMINISTRADORES DE MOSSORÓ

— Aquelle é outra louca... Muito mais fragil, coitada...

— O quê? Por ser mulher?...

— Qual?! Por ser de Saxe...

Com a chegada do inverno fala-se tambem n'um grande numero de carreiras de tiro que se abrem. Sem falarmos do campo d'Alencarte ha duas inauguradas, recordamos a carreira do tiro de Lamego, de Pousafel, de Vizeu, etc., onde os patriotas se vão exercitar, e as das esquinas da cidade onde elles de ha muito se exercitavam atirando d'estes tiros nos coallecidos:

— O' coisa, supresta cá dois mil réis! Um homem fica surpreheendido, puxa da carteira e dá-lhe a *bole* com a certeza de a não tornar a ver, o que prova a mestria do atirador. Por isso é escusado abrir mais logares d'estes exercicios.

E são estes os melhores atiradores e as esquinas os melhores carreiros de tiro, como diziamos a um amigo que respondia:

— Sim, agora são...!

— Como, agora?!

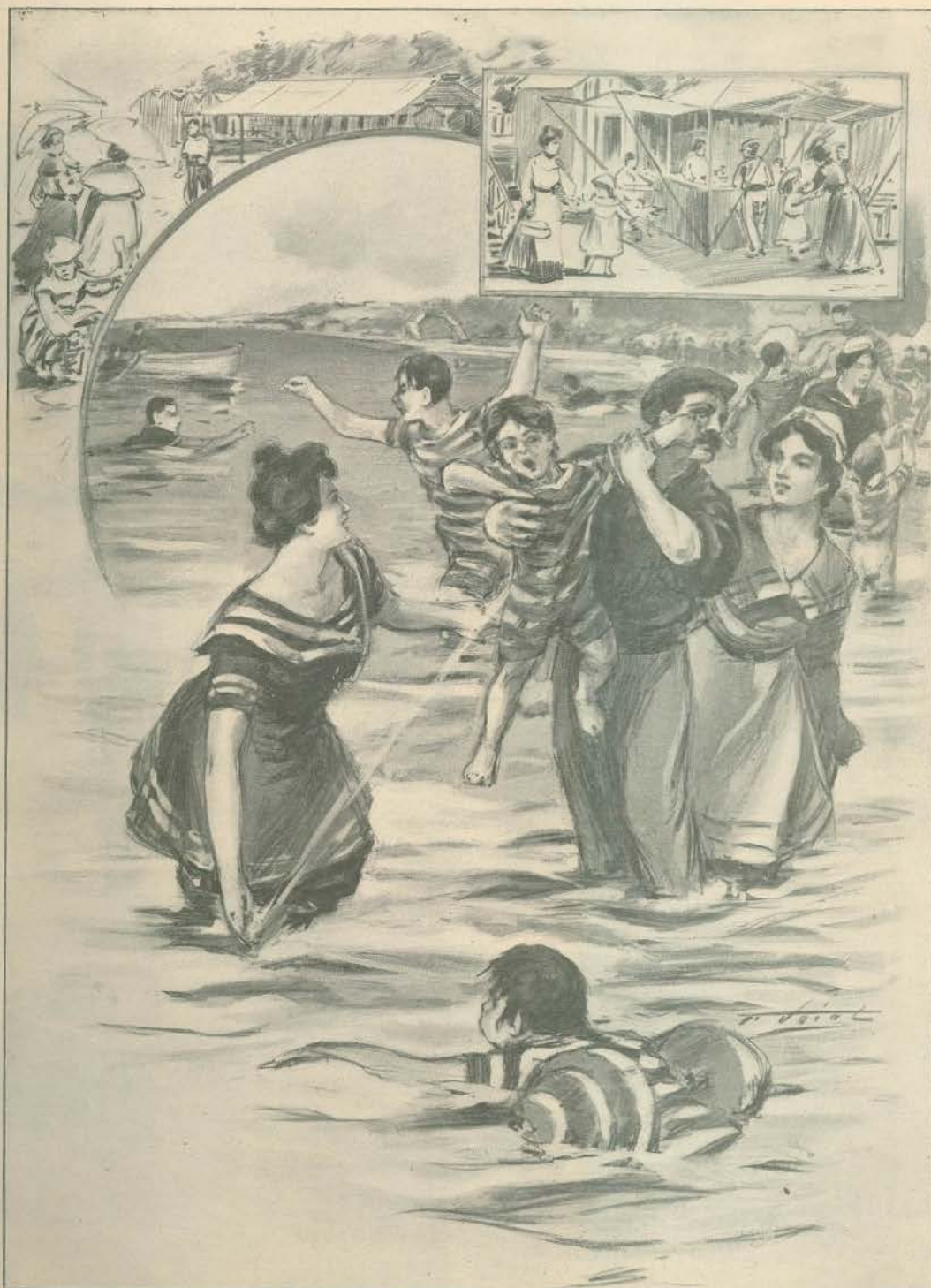
— Desde que existem os electricos, porque antigamente a dos americanos eram as melhores... *carreiras de tiro*, apesar de não serem inauguradas com reciamos.

ROCHA MARTINS.



A «GARDEN PARTY» EM MOSSORÓ: GRUPO DE CONVIVADOS





COSTUMES LISBOETAS:—OS BANHOS EM ALGÉS

Vão pelas manhãs bem atalhados os carros com gente somnolenta, senhoras e grande numero de crianças que se dirigem ao praia de Pedronças e d'Algés aos banhos. E' agora o tempo proprio para se tomarem os banhos, uns recitados pelos medicos, outros como sport. As praias assim-se, bandos de rapaziças alegres brincam na areia antes de se lançarem á agua, onde as ha abstrus as esperam para o mergulho. De quando em quando, no meio dos risos, da alegria, ha larmas, berreiros que mais risos fazem. São crianças que temem a agua e se apacram de mões e

aos bacheiros. E por toda a praia ha o mesmo scenario de costumes elegantes, a mesma semcerimonia á luz do sol, enquanto nas plataformas das barracas outras pessoas esperam, aliando o Tojo que á azul e vasto os balneação vomo e tosam, levando pelos ares gaviolhos que sorriem.  
De quando em quando lá sóa um piano n'alguma das melhores barracas, e aquella gente corre a banhar-se enquanto uns nadam e as crianças clamam sob aquelle ceu azul na agua fria, pois machê d'outemoo, tempo de banhos nas praias burguezas dos arrabaldes.



A TRAVESSIA DA RIBEIRA



A EXPERIENCIA DA PEÇA



O SR. MINISTRO DA GUERRA COM A SUA COMITIVA DESEMBARCANDO NO CAES



OS DATEGORES MILITARES E FAIRANOS QUE ABRIAM O CORTEJO



OBUZ DE 15 CENT. SCHNEIDER-GANET QUE FEZ FOGO A 8000 MET. NO DIA DA INAUGURAÇÃO DO CAMPO DE TIRO D'ALCOCHETE



A PASSAGEM DO CORTEJO

AS FESTAS DA SENHORA DA VIDA EM ALCOCHETE

As festas da Senhora da Vida foram cheias d'interesse e aproveitou-se a ocasião para lançar a primeira pedra da escaleira de D. Manuel e para se inaugurar o campo de tiro em Alcochete. A's 2 horas da tarde, sob uma chuva torrencial, o sr. ministro da guerra chegou ao campo, começando logo as experiencias das peças Schneider-Ganet da bateria chegada de Havre e que pela primeira vez se disparava em Portugal.

Dispararam-se 2 tiros a 10000 metros, 2 tiros com a inclinação para 4000 metros e 2 com a inclinação de 8000 metros, dando todos o melhor resultado. O terreno adquirido pelo ministerio da guerra abrangia 1000 hectares e só a custa de muito boa vontade se pôde planificar, devido a iniciativa dos srs. capitães Sá Cardoso e Telles, que devotadamente alli temo trabalhando. A nova carreira de tiro permite ser aproveitada até a distancia de 10 kilometros.





COMPRA DE MANTIMENTOS NA MOCUMA



RESIDENCIA OFFICIAL  
COLONIAS PORTUGUEZAS: ANGOLA — A CHIBIA.

A Chibia tem missões e os negros fazem negócios com os brancos que habitam em grande numero n'essa região do planalto de Mossamedes. Terra fértil, com algumas edificações, salubre e de muita facilidade desenvolver-se pouco a pouco e ha de vir a occupar um bello lugar nas colônias portuguezas. Os negros da Chibia fazem frequentes viagens para se fornecerem de mantimentos, dan-

do-se a troca de seus productos, o que lhes permite uma vida mais cheia de commutidades do que habitualmente tem essa raça. Trabalhadores e respeitadores dos governos, os indigenas de Chibia são bellos carregadores e magallhões auxiliares em caso de rebeliões.

## HABITAÇÕES ARTÍSTICAS

### O palácio de Monserrate

(Notas rápidas)



MONSERRATE é aquelle palácio de fadas que fica além da Penha Verde, na volta da serra de Cintra, al-cantidade e verde, todo garrido e garboso no seu estylo arabe entre arvoredos que dia a dia mais se copam, como para esconderem a residencia, mimo d'arte, n'uns longos d'ossas habitações de conto maravilhoso, nas quaes se levava a entrar um anno e um dia.

Quando se passa o portão de Monserrate, onde se paga uma pequena quantia para o cofre das esmolas dos pobres do concelho, começa-se logo a sentir todo o encanto d'aquelles arvoredos fechados; e ao atravessarem-se as ruas de bom piso, procura-se a residencia tão famosa com esse afan d'arte do descaçar o olhar n'uma maravilha, após a rotineira impressão de bricabraquismo que nos perverte o gosto n'essas edificações da capital.

E' lá ao fundo em face do lago minusculeo, onde um bojudo Amor repuxa agua d'uma cornucopia. Chegou-se á portada e em frente ha a galeria, longa e ladeada de estatuas, que pelas noites deve ser admiravel com a illuminação de centenaes de velas que estão nos numerosos lustros de pingentes facetados e prismáticos. Fomos lá por um dia triste d'este outono que vai a decorrer. Immerge-se na sombra, o parque, vem pelas janelas rendilhadas um chovro de terra molhada e ao fundo, n'uma coreova, a cascata de lord Beckford jorra agua que vem a cantar por entre a verdura até ao valle fundo como para alimentar os lagos onde bolam esynes chetos de serenidade e todos alvos.

Monserrate tem a sua lenda, tem a sua historia em que ha sempre notas ardentes d'arte e de gosto. Honve outr'ora, além, uma ermida fundada por Gaspar Preto, que mandou vir de Roma a imagem d'alabastro da santa padroeira do lugar. Com o tempo der-

rocou-se a ermida e ahí pelo seculo XVIII um negociante ingles chamado Gerardo Devisme alugou a propriedade então ali existente e que pertencia aos condes da Ilha do Principe, que D. José I fez condes de Lamiães.

Devisme transformou a propriedade, que então era de torções e tinha duas alas, e como tivesse que deixar Portugal subarrendou a lord Beckford, esse ingles, cheito d'espírito e do litteraturo, que vivia na corte de D. Maria I e apaixonou-se por uma das filhas dos Marialvas, cantada em trovas e sublimada em romances. Ali o lord artista abafou os seus suspiros d'amor e escreveu talvez grande parte das suas cartas, que são monumentos e deservem fiavelmente a corte da filha de D. José, com os seus fidalgos devotos e mesquinhos, com o Thessalonica omnipotente, com o bebe querido e com a prola favorita, essa D. Rosa tão amada da soberana.

O que essa residencia foi vê-se por um desenho do tempo, encontrado ha poucos meses por acaso em Londres pelo filho do actual visconde de Monserrate.

E por elle se faz a idda do que custou a reconstruir esse palácio, que hoje se mostra além entre as arvores no seu estylo mourisco e cheio de maravilhas.

Tudo aquillo é obra do primeiro visconde de Monserrate, Francisco Cook, cujo busto lá está á entrada da escadaria de honra, em bronze e com a sua face serena e bondosa, como um Deus tutelar repousando n'um templo, obra sua, da sua educação artistica e requistada.



A SENHORA VISCONDESSA E O SENHOR VISCONDE DE MONSERRATE

alim a dois passos d'um rei tambem artista—D. Fernando—parecia querer rivalisar com elle em maravilhas. Atravessamos as salas, superhendedos e admirados. Na bibit theca cheia de estantes altas e de livros raros, descançamos um momento a alargarmos a vista pelos marmores antigos que ali se mostram em medallhões representando Homero e Heracito, Hyppocrates e Democrito, romanos de olhos d'agua e facos cesarianas que parecem viver ainda entre aquella paz de estudo e erudição. Ha moveis largos, amplos, antigos, cadeiras de espaldar e outras de balanço, nas quaes é bom ficar com um livro entre as mãos, após uma passagem encantadora, a fixar a vista n'esses monticulos altos e todos verdes, onde pinheiros novinhos criam seiva e ramos, a espigarem-se e a formarem com um esquadrão de guerreiros meraviglios no topo do corro, em atalaya. Ouvem-se risadas, trechos de conversação em linguas, algumas senhoras, em vestidos claros, irrompem pela bibliotheca, interessam-se no trabalho com os senhores viscondes e combina-se fazer um grupo á entrada da casa pela tarde sombria que os convidados dos nobres proprietarios animam com os seus risos e com as suas phrases.

Então, o senhor visconde levav-nos através as salas, mostrav-nos a escadaria de marmore, ampla e com razeos nas paredes, conduz-nos á sala de musica onde o mobiliario é todo em madeira arrendada com caprichoscos desenhos que demandam a paciência d'esses artistas de raça oriental que lavram n'um caroco de fructa a lei de Buddha, consumindo n'isso uma vida.

—E' d'um artista

oriental este trabalho, não é verdade??

O senhor visconde, responde logo com um sorriso:

—Sim, tudo feito em Bombaim pelos indios...



A ESCADA DE HONRA



UMA VISTA DO ANTIGO PALACIO DE MONSERRATE EM 1795

Quando o sr. visconde de Monserrate nos apontou o busto de seu pae, vimos bem o culto que vive no seccorção por essa memoria querida d'um artista que



A SALA DE JANTAR



A SALA DE BILHAR





OS SENHORES VISCONDES DE MONSERRATE COM OS SEUS HOSPEDES À ENTRADA DO PALACIO

N'aquella sala fazem-se as reuniões, *five-o'clocks* tea em que se bebe em chapevas que valem fortunas e perfumado chá da Índia, faz-se musica e as condições acusticas da casa são de tal ordem que através do palacio esses sons se espalham como notas doces e todas celestes de harpas colias em dia de festividade de dousas.

Pelas janellas de pedra lavrada, com os seus balcões rendilhados, avistam-se os logarajos, trechos claros de estradas como regatos de prata entre verduras, arvoredos e casalejos, bocados calvos e pedaços luxuriantes que só deixamos de ver para percorrermos de novo a sala, a analysarmos os primores da mobilia indiana, os biombos chinezes, incrustados e laves, os bonzos, as obras d'arte que estão nas estatuas em marmore e nos contadores ricos.

Na sala do bilhar, que é contigua, pensa ao fundo, grave, solenne e rica, a cadeira larga e curvil d'um doge de Veneza, que, sem duvida, d'ali diction muitas vezes sentenças ao Conselho dos Dez; ha espelhos altos, flores, outras cadeiras tão preciosas como a do doge e cá ao fim um passaro embalsamado, um *sentinella*, que pensa, coberto das suas penas cardinaliticamente vermelhas.

Ha a sala sul que é um primor onde nos armarios estão cousas raras, chapins e gorros indios, bocados de

arte, muita arte, e as colheiras com que SS. MM. os reis D. Carlos e Eduardo VII plantaram as duas lindas arvores no parque e que mereceram uma bella phrase ao senhor visconde:

— Foram plantadas pelos dois soberanos as arvores de prata do meu parque; estão um pouco juntas, mas isso é para mostrar a maior força, a mais estreita solidariedade da alliança anglo-lusa!

Ao fim da sala está a ave do paraizo, empennachada, gloriosa e linda, as messas de tartaruga com cobre, algumas de mosaicos, uma em malachite, que vale uma fortuna, e outra tem o Forum em entalhados de pedra que são verdadeiros primores.

Ha ainda mais salas, alem d'esta do sul, mas passamos á casa de jantar onde está a mesa posta essa riquissima *baizella*, as fructas espalhadas aromas, mettidas em costas d'ebano nos hombros dos dois escravos tambem d'ebano que parecem ajudados, feitos n'um bello trabalho de tallha e deslumbrados com a magnificencia, com as louças, com o esplendor da mesa, por essa hora do crepusculo em que já bri-



A SALA DE MUSICA

marmores rendilhados, lindos, em grades bem trabalhadas. A sua curva é gentil, artistica, com um donaire que os canteiros da cidade media davam ás suas obras e que o artista dos nossos dias que a trabalhou lhe soubo imprimir.

E chega nos o desejo de virmos tambem esse Santo Antonio que tão milagrosamente voltou de novo á casa onde fora patrono. Lá está no seu marmore, segurando o Meinno, no fundo da casa, tendo a ladeal-o um quadro em madrepereia onde estão gravados os episodios da vida do Jesus.

Pelas paredes ha objectos d'arte sacra, ha uma infinidade de pequenonas cousas devotas e preciosas, cruciferos amolgados que decerto figuraram outr'ora em preciosas de fé nas quizes as socias iam compungidas e chorosas, ha quadros a óleo, trechos de grandeza que dão á salinha como a apparencia d'um pequenino museu.

Pela janella que, como todas as da residencia, tem balcões rendilhados, avistam-se o parque onde se installou outr'ora um jardim botânico, onde ainda existem exemplares raros; e então vamos para a sahida com a recordação d'esse galante Beckford que parece habitar em espirito n'esse logar onde teve a moradia sobre a qual alicerces se edificou o Monserrate de hoje, tambem todo de impressionante belleza.

Não resta mais nada a não serem os aposentos particulares dos donos da casa, admiravelmente installados e que deitam para a varandaria da linda galeria, trabalho soberbo que levou annos a fazer e que tem ali empregadas muitas energias e capitais.

Despedimo-nos do sr. visconde, que voltara do seu passeio, e sahimos com a delictosa recordação d'esse palacio da aba da serra d'alem da Penha Verde historica onde está o coração de D. João de Castro.

O administrador da casa, o sr. Guilherme Lawrance, que merece a confiança e amizade dos srs. viscondes, que habitam na propriedade só dois mezes por anno, conduz-nos então através do parque no seu carrinho que vai ligeiro até ao portão da senhorial residencia onde tomamos o nosso trem, que parte á desfilada a caminho de Cintra.

Cerrada já de ha muito, a noite enchia-se de estrellas e lá ao fim, o palacio illuminado era como a habitação de boas fadas hospitaleiras, maravilhosas e opulentas.

E' uma casa onde e bem sermo n'uma atmospheria quasi sagrada á força de ser artistica, onde os pobres encontram amparo e os que amam a soberana belleza um forte consolo para o espirito.



AS ARVORES PLANTADAS POR SS. MM. OS REIS D. CARLOS E EDUARDO VII POR OCCASIAO DA SUA VISITA A MONSERRATE

ham luzes; reparamos n'um baldaquino rico que cobria os convidados para abafar as vozes que d'outra forma se confundiriam na sala, que tem quadros de mestros pelas bellissimas paredes. E ali escutamos a historin d'um Santo Antonio que existe na casa, n'uma especie de museu d'arte sacra, junto á escadaria de honra.

Um dia o primeiro visconde de Monserrate ha o *Times* e viu um annuncio em que se dizia vender-se alguns objectos pertencentes a lord Beckford e entre esses objectos um cardeal com um menino no collo. A tradição da casa falava d'um Santo Antonio que ali existira; e o sr. visconde, desconfiando que se tratasse do mesmo, partiu n'esse mesmo dia para Londres onde comprou a imagem que veio de novo habitar essa encantadora vivenda de Monserrate, casa de artistas onde a vista se deslumbra e os corações palpitam n'essa sagrada impressão que a arte nos dá.

Vamos ainda ver a grande escadaria que tem á entrada



A SALA DE ENTRADA



A SALA DO SUL





A villa d'Alcochete vai levantar um monumento ao Sr. Dr. Manuel a' sua consagração em  
 este edificio, que, após quatro annos, ainda occupará com as officinas de pedra e a villa está  
 em sua totalidade e esportivo. O Sr. ministro da guerra foi convidado para della a primeira pedra  
 do qual se pedra fundamental do monumento e chegou a p'ntesente villa pela primeira vez.

O LANÇAMENTO DA PRIMEIRA PEDRA DO MONUMENTO DE DR. MANUEL EM ALCOCHETE

e com o qual, sendo recebido pela guarda municipal, para a banda de regimento 2.º Armas  
 de guerra de pedra e a villa está em sua totalidade e esportivo. O Sr. ministro da guerra  
 foi convidado para della a primeira pedra do qual se pedra fundamental do monumento e chegou a p'ntesente villa pela primeira vez.

no tempo que a pedra devia a ser lançada. Foi o Sr. ministro da guerra para não de se, que  
 uma de pedras que lhe foi lançada em nome do Sr. ministro da guerra e se  
 permitiu para o tempo da primeira pedra se realizou a esportivo da villa d'Alcochete.





UM ASPECTO DO DIQUE DA ROCHA DO CONDE D'OBIDOS

Está agora ali em concerto o vapor *Consell Freres*, que soffre avaria em frente de Carcavello, além d'outros barcos que veem á descarga e a reparações. É uma bella obra esse dique com a sua grande comporta, ficando além se duas construídas pela Empresa Hercul e passando-lhe ao lado o caminho de ferro. Ha

uma muralha solidamente edificada e por toda a margem do Tejo essa muralha segue abriado de casa em diferentes pontos, havendo tambem entrepostos, armazens, casas de reguardo, que dão uma grande importancia ao porto de Lisboa tornando assim um dos melhores do mundo.

Comega a affairir de novo á vaptal a navegação; já se fazem reparações as mais difficis nos barcos e o commercio muito tem lucrado com os melhoramentos do porto, que dentro em pouco estará completamente consertado.



OS EDIFÍCIOS DA FABRICA SCHENKERCANET EM CREUSOT, ONDE FOI FEITO O MATERIAL D'ARTILHARIA DO EXERCITO PORTUGUEZ

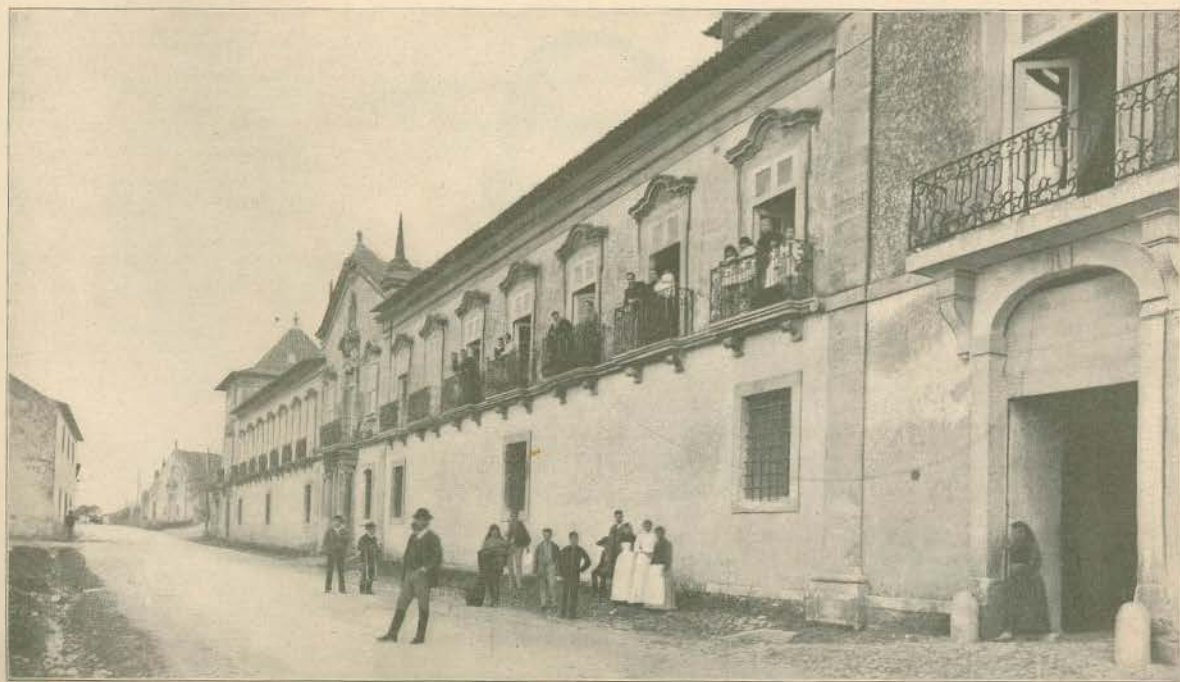


MEIO DE TRANSPORTE, UM "RICKCHAW".



O LABORATORIO MUNICIPAL DE LOURENÇO MARQUES

COLONIAS PORTUGUEZAS—LOURENÇO MARQUES



O PALACIO DO SR. PEREIRA RAMALHO EM CONDEIXA, NO QUAL S. M. EI-REI ALMOÇOU Á VOLTA DAS MANOBRAS DO BUSSACO

Este palacio de Condeixa tem sido hospedado mais d'uma vez pela visita de soberanos, que sempre tem mostrado um grande apreço pelos membros d'essa nobilissima familia que data do seculo xvi. Até ao actual proprietario, que se filiou no constitucionalismo por affeição pessoal a S. M. o rei o senhor D. Carlos, os senhores da solar foram sempre dedicados ao partido legitimista, havendo até uma phrase do pai do sr. Manuel Pereira Ramalho hoje o senhor do palacio,

que bem caracterisa a fôrça das suas opiniões. D. Maria II hospedou-se uma vez no solar e o velho legitimista exclamou ao recebê-la: — "Entrego nas mãos da sobrinha do meu rei as chaves do meu palacio."

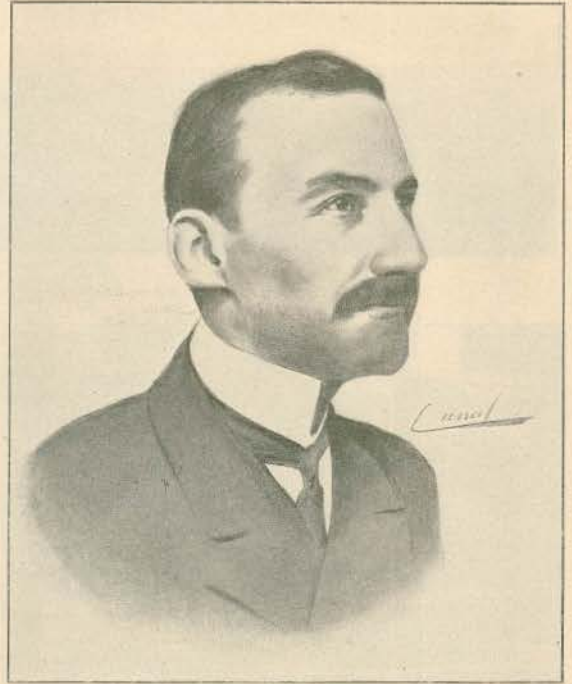
O sr. Manuel Pereira Ramalho, filho do precedente fidalgo, milita no partido regenerador liberal, de que é um dos melhores ornamentos.





A PRINCEZA LUIZA DE SAXE

FILHA DO REI DA BELGICA E ESPOSA DO PRINCEPE DE SAXE, QUE FICOU NA CASA DE SAUDE ONDE ESTAVA INTERNADO



O TENENTE GEZA MATTACHICH

O NASCIMENTO DA PRINCEZA DE SAXE

### A COROACÃO DE PEDRO I, REI DA SERVIA

Ha tempo a irmã da rainha Draga, que foi assassinada com seu marido o rei Alexandre, annunciava a venda d'alguns objectos que pertenciam á soberana, chamando assim de novo as atenções do mundo para a Servia, onde foi coroado em 21 de setembro o rei Pedro I.

A tragedia foi continuacão d'um velho odio de familias que se degladiam desde tempos immemoriaes: os Karajorgovitch e os Obronevitch.

Milão Obronevitch, o marido da rainha Nathalie, deu scandalos enormes e foi morrer longe da patria na qual um conselho de estado educava seu filho Alexandre, que, após o seu casamento com Draga, pagou com a vida os abusos de que o accusavam.

O principe Alexandre Karajorgovitch, pae do actual rei da Servia e que ali reinava em 1882, foi obrigado a abdicar em Miloch Obronevitch que fora deposto do throno por elle. Miloch morreu e succedeu-lhe seu filho Miguel, que foi assassinado, tendo-se culpado por essa occasião o principe Karajorgovitch, que ambi-

cionava o throno que seu pae fôra obrigado a ceder. Mas, apesar de tudo, foi nomeado rei o mais proximo parente do morto, que era Milão, o qual contava então 14 annos e estava estudando em Paris no collegio Luiz-o-Grande.

Abdicou este rei mais tarde em seu filho, recebeu dois milhões de francos, e tomou o titulo de conde de Talkovo. Como os radicais não lhe quizeram pagar mais quantias que Milão exigia, o governador do reino deu um golpe d'estado e houve então verdadeiras carnificinas.

Aos 18 annos, Alexandre, filho de Milão, tomou o poder, fazendo prender os regentes e os ministros e logo se impoz como um rei, que foi a decahir pouco a pouco.

Foi morto sem deixar descendentes e d'esta vez a familia Karajorgovitch pode estar tranquilla no reino da Servia, porque, acabando assim o odio de duas racas, só ha a temor o povo. Porém esse acaba de coroar o seu rei aclamando-o com verdadeiro delirio, talvez pelo seu acto energico ha pouco praticado para com o principe seu filho e herdeiro do throno, que castigou rigorosamente ao saber que elle buscara desorganisar uma sentinella.

O rei Pedro I nasceu em Belgrado em 1844.



1



3



4

A COROA-FRITA COM O BRONZE D'UM CANHÃO TOMADO POR KARAJORGEGRS NA GUERRA DA INDEPENDENCIA—O FECHO DO MANTO REAL—O SCEPTRO —O GLOBO, INSIGNIA DO PODER



OS VARINOS.

PEÇA DE 3 ACTOS, ORIGINAL DO BARÃO VONERER, EM ADESA DO THEATRO DA SIA DONA CRISTINA, COMPANHIA DO ACTOR PORTUGAL, CENA DO 2.º ACTO E BARRAS DO MEIO.



O ANNO EM TRES DIAS.

PEÇA DE 3 ACTOS, ORIGINAL DE AUGUSTO RODRIGUEZ E WALTER DE CORTESIA, EM ADESA DO THEATRO DO PRINCIPAL, COMPANHIA DO ACTOR JOSE FRANCISCO PEREIRA FIGAL DO 2.º ACTO—A EXPOSIÇÃO DE FLORES, TRABALHO DE ADRIANO PEREIRA

A ABERTURA DOS THEATROS DE LISBOA.—PEÇAS NOVAS



## O GRANDE CAGLIOSTRO

NOVELLA HISTORICA

ORIGINAL DE CARLOS MALHEIRO DIAS

Pina Manique avançou dois passos por entre os espectadores assombrados d'aquella scena. O seu olhar accusador não abandonava Cagliostro, que esperava, em frente ao arcebispo, com a mão na espada e a cabeça alta.

Jogara a carta perigosa. Quem poderia desmentir a sua affirmação? Ganhara a partida d'aquella noite. Ainda uma vez o favorecia a sorte e o protegiam essas imaginarias divindades de que elle era o propheta. O successo excedera mesmo a sua expectativa. Na vespera, recebera o principe communições sobre o estado da Rainha, e sobre a enfermidade de sua mãe tinha tratado com sobresalto e tristeza. Era sobre essas noticias secretas, que a sua imaginação construiu de momento aquella propheta temeraria, confiando que todos os espiritos estivessem preparados para a receber com as appareças de veridica. O assombro do arcebispo deixava-o perplexo. O suor descia-lhe em grossas bagas da fronte, sob os bucos encanudados da cabeleira. Mas, n'essa hora de agonia, a sua face conservava-se impassivel como um bronze. Vendo avançar o Intendente, elle continuava a sorrir, como se nenhum perigo o ameaçasse, e todos os favores da fortuna o protegessom.

Pina Manique caminhou ainda dois passos para o arcebispo.

Cagliostro cuidou ver o proprio corpo a balouçar n'uma força. A tropada em cadencia da escolta de policia echoava-lhe no cerebro.

O Intendente curvara-se. Lentamente, tirou do bolso da casaca um papel.

Principiavam as genuflexões da despedida. Augmentava o rumor, provocado no pateo por aquella partida inesperada do arcebispo. Já se distinguem as portas, os clarões vacillantes das tochas.

Ainda uma vez, no seu caminhar hesitante, Pina Manique pareceu vacillar e os seus olhos de iris castanhos pousaram, ameaçadores e rancorosos, na attitude triumphal de Cagliostro.

— Que diz a isto, Intendente? — perguntou Thessalonica com rudeza, retirando a mão ao beijo da condessa de Assumar. — Já os ministros sabem as noticias da corte pela bocca de estrangeiros!

Pina Manique inclinou a cabeça como um culpado.

— Excellencia, agora mesmo, no Calhariz, me foi entregue um despacho das Caldas, dando a noticia da doença de Sua Magestade!

— Noticias atrasadas — pensou Cagliostro, dissimulando a alegria immensa.

— Chegam tarde as noticias a Lisboa, Intendente! — disse Thessalonica, desabrida.

— Chovou toda a noite e as estradas estão más, excellencia.

— Os correios andam de vagar para nós, Intendente! Que diz o despacho?

— Sua Magestade passou a noite inquieta.

Cagliostro interrompeu: — Com febre.

Pina Manique mordeu o labio, fez uma pausa e proseguiu:

— Queixava-se de arripios de frio. . . Perguntava a que horas chegaria.

— Sua Alteza, a Senhora princeza do Brazil, D. Maria Benedicta. . . — concluiu Cagliostro, completando mentalmente o despacho, que ouvira ler ao principe na vespera.

Pina Manique amarrotou o papel nas mãos nervosas.

O arcebispo interrompeu a oração mental, que havia um momento o continha silencioso, de olhos fechados, a cabeça incluída sobre o seu habito branco de carmelita, e voltando-se para o medico Picaço, disse com a auctoridade omnipotente de um valido:

— Quero eu contral-o amanhã nas Caldas.

Picaço inclinou-se, diante d'aquella vontade soberana.

Depressa, a compostura de todos os convidados do serenim do Calhariz se substituiu de prazenteira em receiosa. Cada um fazia o calculo das eminentes desgraças que o esperavam, se a Rainha fallecesse.

Pina Manique conservava-se sombrio, com a mão gorda enfiada entre dois botões da vestia de setim. Picaço, que não desejava incorrer no desagrado do arcebispo, continha-se calado. Lord Beckford conversava em voz baixa com o marquez de Marialva. As salas pareciam subitamente transformadas nas antecamaras do proprio quarto mortuario da Rainha.

Apenas Cagliostro sorria sempre, junto da luda a virginal Lorenza, enquanto D. Luiz de Miranda, ao vão de uma janella, fazia ao duque de Calvar e o clero de uma bailarina hespanhola da princeza da Beira.

Thessalonica terminou a sua oração interrompida, perignou-se e benzeu-se, circumvagon o altar por todos os assistentes, e estendendo a mão forte, onde brilhava o anel do arcebispo, dadia do el-rei D. José,

a Cagliostro, que ajoelhou a bejal-o, disse paternalmente:

— Agradeço-lhe, conde, a noticia que me deu da doença de Sua Magestade. Vou d'aqui inferir-me da verdade dos seus tristes vaticinios. E se Deus, na sua sabedoria, nos quizer conceder ainda, por dilatados annos, a vida preciosa de Sua Magestade.

— A Rainha viverá, grandeza! — interrompeu Cagliostro, levantando-se.

— Deus o sabe! — murmurou Thessalonica, erguendo as mãos ao céu.

Um formidavel trovão cobriu, como um pressagio de colera celestial, as palavras do arcebispo. Os pingentes dos lustres titilaram. Os cavallos, deslumbrados pelos clarões lividos dos relampagos, trincaram no Calhariz e no pateo, onde echoou estrondosamente o tropicar das cavalgaduras, pressas aos frentes das segas e aos varras das liteiras. Anselmo Sobral aguardava já na primeira sala, com os incaicos das tochas. A chuva começava a alagar as vidraças.

A natureza, como nua cumplice, preparava ao feticheiro os seus scenarios de tragedia.



CAGLIOSTRO ERGUE A CABEÇA COM ALTIVEZ, LEVANDO LORENZA PELO BRAÇO



Cagliostro julgou o momento de jogar a ultima carta d'aquella arriscada partida, onde a sua propria cabeça estava a premio.

O prodigioso actor avançou, n'aquelle palcos conquistado palmo a palmo, até ao confessor da Rainha, que se afastava, vagaroso, sob a claridade faulhante dos lustres, em direcção a Anselmo Sobral, seguido pelo Marquez de Marialva, pelos condes de Lumiares e de Obidos e pelo Intendente da policia.

— Senhor D. Arcebispo! Vossa grandeza vai empregar, por minha culpa, uma viagem perigosa, debaixo de tempestade, em estradas onde encaimam as seges e se atolam os cavallos. Aguarde vossa grandeza a madrugada para seguir viagem! Pela minha honra, que chegarei a tempo, grandeza!

Thessalonica tinha estacado no seu caminhar vagaroso.

— Um impulso instintivo de colera, Pina Manique caminhara para o charlatão imprudente, que, sob a sua vigilancia, ousava lançar a perturbação nas consciencias.

Mas a voz de Cagliostro, dominadora e vehemente, passou um calorico aos teidos as almas, preparadas já á salvação d'aquello homem propheta e feiticeiro, que esboçava as rosas com o olhar, annunciava, á distancia do trinta leguas, a doença da Rainha e lia os despachos secretos da policia, sem terem sahido de entre as mãos do Intendente.

Seria inutil e perigoso abalar n'essa hora do prestigio e pedestal d'aquella idolo, que uma escolta armada conduziria d'ahi a momentos para a cadeia.

Pina Manique reteve o seu impulso colerico, cruzou os braços e aguardou o desenlace d'aquella comedia.

Ante o silencio de Thessalonica, que a arrebatada supplica de Cagliostro deixara interdito e perplexo, o Marquez de Marialva, que já envolvera, desde o primeiro trovão, a mão engelhada no rosario, lembrou, recioso:

— Vae vossa grandeza sem uma escolta armada, a estas horas da noite, jornadaear trinta leguas...

Preocupadamente, Cagliostro interviu: — Querendo partir, leva vossa grandeza ao menos uma escolta! Sou um estrangeiro que passa, mas que lhe deseja a vida, grandeza!

Pina Manique teve um estremeamento, adivinhando o laço onde ia ser colhido e inutilizado o seu plano.

Thessalonica ficou atida por instantes reflexivo. No seu espirito supersticioso, chamadas por aquella voz, onde palpitavam amoças, repassavam as evocações do antigo valido destrebrado, de quem elle recebera a purpura e a honrança do mundo e cuja obra em destroços só o seu poder omnipotente impedira, até esse dia, que fosse reduzida a pó e cinzas.

Mas a sua alma forte resistiu ao subito medo que o enfraquecia.

— Com uma serenidade apparente, disse: — Vou na guarda de Deus, conde!

Cagliostro sentiu fugir-lhe a salvação. Mas o seu olhar diabolico foi encontrar o panico do ministro occulto na coragem apparente do frade. E com um larzo ceasto, que abraçava, como uma provisão de Deus, todos os perigos da terra, concluir, abandonando á sua sorte o ministro poderoso:

— O conde de Florida Blanca faz-se acompanhar sempre por um piquete de cem guardas!

— E onde tenho eu o piquete, conde?

Cagliostro ergueu a cabeça victoriosa, ficou demoradamente o Inquisidor-Mór e estendendo o braço para as janellas que deslavavam para o Calhariz, respondeu:

— Vossa grandeza tem uma escolta de poltrina a cavallo nas immedições d'esta casa, alli na rua!

Um murmureo de surpresa e de duvida acolheu essa revelação inesperada.

— Ha uma escolta no Calhariz, Intendente? — perguntou Thessalonica, assombrado.

— Ha uma escolta, excellencia! — respondeu Pina Manique, livido.

— E para que mandou vir a escolta, Intendente?

Cagliostro deu ainda um passo: o ultimo que lhe restava para a victoria: e antes que Pina Manique, colhido nos seus proprios laços, deliberasse a resposta, disse com um impudor magostoso:

— Para o acompanhar, grandeza!

Thessalonica voltou-se, com semblante enfadado, para Pina Manique.

— Vossa senhoria está nos seus dias infolias, Intendente! E' o senhor conde de Stephanis que me dá noticia das suas escoltas! Procuro-me nas Caidas, conde. O Intendente vai mandar concertar as estradas...

Os laços das tochas precediam-no ao atravessar a sala da entrada, entre a sua numerosa comitiva, seguido por tantos os assistentes.

Pina Manique caminhava á sua esquerda, silencioso. Ao lado do Marquez de Marialva, Cagliostro erguia a cabeça, levando Lourença pelo braço. O sequito desceu a escadaria, illuminada pelos lampoes e pelas tochas.

O arcebispo parou no ultimo degrau:

— A minha escolta, Intendente?

— Pina Manique embrulhou-se na capa de magistrado, disse laconicamente:

— Vou chama-la, grandeza!

Os seus olhos metallicos procuraram em volta Cagliostro. Mas o conde de Stephanis tinha desaparecido.

IV

A ESCRAVA

Os machos possantes da sege do arcebispo arrancavam sob os estallidos dos reihos, no pateo do Calhariz, quando Cagliostro subia, á esquerda da rua da Cruz de Páo, o estribo da sua sege encarnada, abrigada da chuva no portal do palacio, onde campeavam as armas dos Menezes, do Tarouca e dos Castros, das treze arruças. Por entre a confusão dos coches, das liteiras, das cadeirinhas, na escuridade que já as tochas e os lampoes apagados pelo vento não entremessavam de luzes, a levante sege encarnada abalou em direcção ao Chiado.

Cagliostro, que atravessara com Lourença ao collo o Calhariz, arfava como um touro ao recolher da arena e as suas mãos precavidas apalpavam, sob as abas da casaca de seda, as coronhas das pistolas.

Semelhante ao veado perseguido pelas matilhas, que toma folego em cada esconderijo em que se amotta, por um momento aquelle homem energico inclinou a cabeça vigorosa sobre o peito, e escutou o choro nervoso de Lourença, aninhada a seu lado como uma ave medrosa.



O HOMEM FUSTIGOU OS CAVALLOS E A SEGE PASSOU EM CORRIDA VELOZ

Mas depressa o seu coração voltou a bater precipitadamente á sege caminhava devagar. Rejuvenescia o rumor dos trovões sobre a pequena sege, como um tremendo rufar de tambores em redor de um cadafalso. A vozaria dos laçados já mal se ouvia entre o pesado rumor da chuva persistente e copiosa.

Teriam ficado totalmente destruidas as armadilhas, dispostas pelo Intendente nas immedições do Calhariz? Ou alguma resistiria, onde a pequena sege ia precipitar-se?

Essa temerosa duvida erguera-lhe a cabeça vigilante. Todos os seus sentidos estavam alerta e de novo o seu coração trabalhava sob a pressão d'uma energia poderosa, para romper todos os laços, desimpedir todos os caminhos, ultrapassar todos os obstaculos. Não era mais para viver do expedientes, como um bobonito, que queria salvar a liberdade e a vida n'aquella batalha travada com o Intendente. A experiencia dos homens, vinte annos de aventuras e vagabundagens através o mundo, preparava-o para ser na politica da Europa um dirigente occulto, guiando, por entre o panico das monarchias, a revolução imminente, já atcada na Franca, ou para suspender nos ares esse gladio vingador, que ameaçava as cabeças coronadas. E ao pensar nos destinos gloriosos que o esperavam, no logar proximamente que lhe reservava a historia, uma revolta colerica agitava-o até

às profundidades da alma contra aquelle Intendente, incoeruptivo e intolerante, que vinha desmascarar José Balsamo sob os trajes severos do conde de Stephanis e confundia o charlatão de Palermo com o grão-mestre da maçonaria egypcia, o preso de Bergamo com o inimigo de Maria Antonieta, o burliço de Madrid com o confidente de Marat, o falsario de Londres com o inspiador de Calonne, e o nigromante de Varsovia com o conselheiro de Hebert e Mirabeau, o progreino de Compostella com o amigo do duque de Orleans!

Empallidecia-o de colera pensar que esse Intendente teimoso e illetrado, imaginando perseguir um aventureiro, derrubasse um colosso.

Á lembrança de que podia encontrar o sósnho e frente a frente, uma tentação homicida encaminhava-lhe as mãos para as coronhas das pistolas.

Quantas emboscadas tinha multiplicado nos seus passos aquelle inconciliavel inimigo? Para que inesperada armadilha, como um lobo acoçado para um fogo, caminhava aquella hora? Um tremor convulsivo agitava-lhe os labios em sussurros de ameaças contra esse adversario arrogante, que o cercava como um evadido das gales.

Subitamente, a sege parou em frente ás igrejas da Encarnação e do Loreto.

Á luz de um relampago, Cagliostro avistou de um lado o adro, as escadas e a porta, coroadas pelas armas pontificias, entre os dons serafins, da igreja italiana; do outro, o grande vulto branco da igreja da condessa de Pontével, com as suas columnas jonicas sobre altos pedestaes.

Ignorando o plano do Intendente, que lhe substituiria o segeiro e projectara levá-lo sem escandalo, a reboque da escolta, para um carcere do Limeiro, Cagliostro imaginou a sege atascada n'um bajouco, entre os entulhos e a pedra amontoadas para as reparações interminaveis do terremoto.

— Per Baccho! — praguejou furioso.

E como a sege continuasse parada e a chuva abrandasse, Cagliostro correu as cortinas, debruçou-se na portinhola, perguntou ao segeiro, em italiano:

— Porque paramos?

Nenhuma voz respondeu á sua pergunta anciosa.

De pé nos estribos, debalde, desde as ruinas do palacio dos Marialvas, nas trevas que occultavam as ruas do Loreto e da Horta Secca, o faleo segeiro procurava afflictivamente a escolta, que devia acompanhá-lo, e que a essa hora trovava no conde da sege de Thessalonica, a caminho das Caidas.

Cagliostro imaginou-se corado pelas rondas dos meirinhos do Bairro Alto, deuseu da sege com as pistolas apreadas e ao claro pallido das lanternas viu o desconhecido erguido nos estribos do cavallo da sella.

(Continua.)





[FONTE D'ONDE SAE A AGUA ABUNDANTEMENTE VENDIDA EM LISBOA



OUTRO ASPECTO DAS FONTAINHAS DE CANÇAS



A PROCESSÃO



OUTRO ASPECTO DA PROCESSÃO

(Phot. do sr. Eduardo Santos.)

AS FESTIVIDADES A S. PEDRO EM CANÇAS

do a arraias com o pomposo nome de *hermeses*, que são o possedello de quem gosta de passar o verão salegado e que invadem até os mais escusos recantos dos arredores de Lisboa. Esperemos que Cascaes no proximo mez offereça algumas distrações, sensacionais que tragam assumpto para as chronicas e para as conversações das noites de inverno.

Assim nem nas modas se póde detidamente falar, porque, á falta de occasião, escasseia tambem ensejo de exhibir novidades. Nota-se tendencia para recorrer ao exotismo na questão dos tecidos para *toilettes* muito elegantes. As sedas indianas, chinezas e sobretudo japonezas estão fazendo furor.

D'estas preventivencias apparecem sedas, gazos, d'uma diaphaneidade incomparavel e ao mesmo tempo resistentes como aço; as cores são atenuadas, mas d'uma doçura e frescor ideal; os desenhos perfeitamente originaes e caracteristicos das flores, ramagens e grinaldas parecem traçados pelos pinceis d'artistas sublimes. Finalmente é um encanto para o tacto vêr e sentir-se envolvido n'aquellas nuvens macias, tenras e suaves com que actualmente se compõem deliciosas *toilettes* de recepção, de noite, de casa, abafas para sahida d'uma *garçon party*, d'umas corridas ou d'uns jogos elegantes. É claro que os grandes *faisseurs* de Paris, Londres, Vienna e Berlin, que são verdadeiros artistas, sabem perfeitamente escolher e adaptar os feittos appropriados a estas deliciosas sedas o que as fórmas vagas, *flot-*

*antes*, são as unicas adoptadas n'estos casos. É uma feição bem accentuada da actual moda o bom gosto com que se sabem hoje alliar os feittos dos vestidos com as épocas a que se reportam os tecidos e a linha geral da *silhouette*.

Assim, as sedas duras, *cassades*, só se vêem figurar nos vestidos dorivados do segundo Imperio; as fazendas de seda pesada lavrada, de ramos e desenhos grandes constituem as deliciosas *toilettes* no estylo Luiz XV com gurições perfeitamente apropiadas.

Fig. 1—*Maiteu* elegante em satin da China bordado a matiz e ouro com *cordões* e borlas de seda branca e ouro.

Fig. 2—*Carriek* genero Ingles em *drap beigeux*. Chapeu gendarme

Fig. 3—*Robe d'intérieur* em seda e gazo japoneza com rendas bordadas a prata.

CHRONICA ELEGANTE

Não se póde dizer presentemente que só Lisboa está atravessando a estação morta e estagnante do anno, pois á certo que os arredores da cidade, comquanto se encontrem cheios de *ceraveantes*, pouca animação tambem offerecem e em nada contribuem para alimentar as chronicas afluente mudanas e elegantes.

Nas Cidades horozas ou tres festas que despertaram certo entusiasmo, mas passaram e tudo voltou á pacotes habitual. Clitza despertou da sua encantadora placidez para igual numero de divertimentos, que foram acolhidos com supremo contentamento, e voltou ao seu delicioso e *dolce far niente*. Em Queluz um restricto grupo de *veranizantes* orga-

nizem algumas festas com um cunho artistico que não desmereceria em nenhum dos nossos contra mais mundanos. E disse. Tudo mais se tem reduzi-



FIG. 1



FIG. 2

de recepção, de noite, de casa, abafas para sahida d'uma *garçon party*, d'umas corridas ou d'uns jogos elegantes. É claro que os grandes *faisseurs* de Paris, Londres, Vienna e Berlin, que são verdadeiros artistas, sabem perfeitamente escolher e adaptar os feittos appropriados a estas deliciosas sedas o que as fórmas vagas, *flot-*



FIG. 3